



**Centro Universitário de Brasília
Instituto CEUB de Pesquisa e Desenvolvimento - ICPD**

NEUSA MARIA SILVA DOMINGUES

**SOBRE COMO A PSICANÁLISE SE APRESENTA NO MOVIMENTO
DE SUPERAÇÃO DE CADEIRANTES DO TIME DE BASQUETE DO
ICEP BRASIL NO ANO DE 2011.**

Brasília
2013

NEUSA MARIA SILVA DOMINGUES

**SOBRE COMO A PSICANÁLISE SE APRESENTA NO MOVIMENTO
DE SUPERAÇÃO DE CADEIRANTES DO TIME DE BASQUETE DO
ICEP BRASIL NO ANO DE 2011.**

Trabalho apresentado ao Centro Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD) como pré-requisito para obtenção de Certificado de Conclusão de Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em teorias psicanalíticas.

Orientadora: Prof.^a Ana Velia Vélez de Sánchez Osella.

Brasília
2013

NEUSA MARIA SILVA DOMINGUES

**SOBRE COMO A PSICANÁLISE SE APRESENTA NO MOVIMENTO
DE SUPERAÇÃO DE CADEIRANTES DO TIME DE BASQUETE DO
ICEP BRASIL NO ANO DE 2011.**

Trabalho apresentado ao Centro
Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD)
como pré-requisito para a obtenção de
Certificado de Conclusão de Curso de
Pós-graduação *Lato Sensu* em teorias
psicanalíticas.

Orientadora: Prof.^a Ana Velia Vélez de
Sánchez Osella.

Brasília, 09 de julho de 2013.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Gilson Ciarallo

Prof.^a Dr.^a Maria Cláudia Capuano

Dedico à memória de meus pais, que mesmo nas deficiências da época e condições puderam me incentivar aos estudos e aguçar minha vontade à vida desta maneira, propiciando certo continente para eu vir a ser quem sou.

AGRADECIMENTOS:

Ao meu marido especialmente, por ter estado comigo por inteiro mesmo na minha ausência, uma vez empenhada na elaboração desta pesquisa e dissertação.

À toda minha família e amigos, que compreenderam a dedicação do meu tempo a este projeto.

Aos atletas e à equipe técnica do ICEP Brasil, cuja convivência me permitiu reunir um belo material de pesquisa e trabalho.

O meu eterno agradecimento a todos.

“A natureza queria que não precisássemos de nenhum grande equipamento para sermos felizes; cada um de nós é capaz de fazer a sua própria felicidade. As coisas externas não tem muita importância... Tudo o que é melhor para o homem está além do poder de outros homens”.

Sêneca

RESUMO

O objetivo desta monografia é apresentar um estudo de caso sobre a experiência de uma psicóloga com atletas cadeirantes durante dez meses no ano de 2011, na instituição ICEP Brasil, especializada no trato de pessoas com deficiência. Busca trazer um panorama geral do movimento de superação na vida destes atletas, bem como estimular o desenvolvimento de técnicas e atividades que instrumentem o fortalecimento e a assertividade destes, evidenciando a possibilidade de se utilizar da psicanálise também em trabalhos de grupo. A monografia foi fundamentada à luz da teoria psicanalítica, especificamente a de Bion, que abrange as teorias do pensar e da transformação. Tendo em vista que os atletas se conhecem e jogam juntos há algum tempo, muitas das vezes pela própria instituição ICEP BRASIL, a identificação das questões de grupo foi facilitada. No contato com esta equipe, em entrevistas e conversas pontuais nas atividades, foi considerável a percepção de mudanças, desenvolvimentos individuais e também no espírito de equipe no decorrer da pesquisa. Percebe-se o quanto as histórias pregressas e referências culturais e familiares facilitam ou dificultam algumas habilidades nesta evolução, enquanto o indivíduo revela seu jeito de funcionar no mundo. A psicanálise pode ser vista como um recurso para a elaboração psíquica do indivíduo, por ser um agente de mudança e um eficaz apoio para o autoconhecimento e a compreensão. A partir deste recurso, o ser humano, cômico de sua forma de pensar, de como se moldam seus pensamentos, pode deter a decisão de fazer mudanças em sua vida para melhor. Momentos de dificuldades nos fazem parar para pensar, elaborar e agir, este é o movimento saudável da vida. A busca de novas habilidades pode inicialmente trazer desconforto, para confortar logo em seguida, sedimentando um novo funcionar em um ciclo de vida constante e realizador.

Palavras-chave: Cadeirantes. Superação. Bion. Pensamento. Transformação.

ABSTRACT

The objective of this monograph is to present a case study about the experience of a psychologist who worked during ten months in the year of 2011 with wheelchair athletes, at ICEP Brasil, a specialized institution in people with disabilities. It intends to bring a general panorama of the overcoming movement in these athletes' lives, as well as stimulate the development of technics and activities for their enhancement and assertiveness, evidencing the possibility of the psychoanalysis approach in work groups. The monograph has been grounded in the psychoanalysis theory, especially in Bion's thinking and transformation theories. Considering that the athletes have been playing together for quite some time at ICEP Brasil institution, the identification of the group matters has been facilitated. It has been considerable the perception of changes, individual and group development during punctual conversations, interviews and the research itself. One can realize that cultural and family references, as well as previous histories, influence the athlete's abilities in this evolution, while the individual reveals his way of functioning in the world. The psychoanalysis can be understood as a resource for the psychic elaboration of the individual, as it can be a changing stimulator and an effective support for self-knowledge and comprehension. From this resource, the human being, conscious of his way of thinking, can decide to make the changes that will improve his life. In times of trouble we stop to think, elaborate and act. That is the healthy movement of life. At first, the search for new abilities can bring some discomfort, to comfort soon afterwards, consolidating a new way of functioning in a constant and creative life cycle.

Key words: Wheelchair users. Overcoming. Bion. Thinking. Transformation.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. TEORIAS PSICANALÍTICAS DE BASE: SIGMUND FREUD E WILFRED BION	13
1.1. TRANSFORMAÇÕES	18
1.2. REALIDADE DE TRANSFORMAÇÃO EM O	21
1.2.1. CICLOS DE TRANSFORMAÇÕES	22
2. O MÉTODO DE TRABALHO PARA CHEGAR ÀS CONSIDERAÇÕES PELA PSICANÁLISE	24
2.1. ANAMNESES	25
2.2. OUTROS PROCEDIMENTOS	27
3. GRUPOS EM BION E PERCEPÇÃO DA EQUIPE COMO UM TODO	31
3.1. ANÁLISE DO RELATO DE DOIS ATLETAS	38
3.2. A DIFERENÇA DE LIDAR COM AS SITUAÇÕES DIFÍCEIS, CORROBORADA PELA CONSTITUIÇÃO DO EU.	40
4. AS TRANSFORMAÇÕES FIRMADAS AO SE SUPERAR UM MOMENTO CRÍTICO DA VIDA E CONTRIBUIÇÃO DE REESTABELECIMENTO AO SE INTEGRAR NUM GRUPO	42
4.1. RESULTADO DO ESTUDO	43
CONCLUSÃO	45
REFERÊNCIAS	47
APÊNDICE A - ANAMNESE	49
APÊNDICE B - LEVANTAMENTO DE DADOS INDIVIDUAIS E VISÃO DE SI	51
ANEXO A - A GRADE	53
ANEXO B - MÚSICA VOU DEIXAR (SKANK)	54

INTRODUÇÃO

As transformações vividas pelos seres humanos ao longo de seu percurso de vida em todos os âmbitos são organizadas conforme seu íntimo funcionamento. E é a partir de suas experiências conscientes que podem avançar para realizações e acabam por inscrever sua forma peculiar de ser no mundo. O filósofo dinamarquês Soren A. Kierkegaard, em sua filosofia existencialista, apresenta a subjetividade humana relativizando as experiências, ao inferir que é pela motivação eleita, pela fé e pela intensidade da paixão depositada em algo na vida, que faz com que o homem construa sua verdade, única e particular norteadora do seu modo de pensar e funcionar.

A psicanálise pode ser vista como um eficaz apoio ao autoconhecimento, à compreensão e como um agente de mudanças, pois fornece ao indivíduo a possibilidade de recursos psíquicos particulares elaborados pela junção da experiência com as concatenações emocionais geradas por esta de maneira consciente. Uma vez que todo ser humano é marcado por aprendizados e pelas vivências familiares e pregressas de vida, tal registro sem dúvida pode influenciar no ser em transformação, elevando-o ao desenvolvimento pleno com facilidade e rapidez ou bloqueá-lo sem se ter ciência.

A ideia apresentada acima confirma o pensamento de Kierkegaard, pois é por intermédio de uma energia psíquica e levados pela paixão e pela vontade que ocorrem as escolhas individuais. E respeitando a estrutura elaborada pelas experiências e sensações geradas por estas é que o caminho do sujeito se firma e se modifica para o seu melhor.

Levando em consideração todo o aspecto delimitado pelas diferenças entre os seres humanos, inclusive aquela ditada pela criação ou a ditada pelo contexto cultural em que vive o homem, pode se considerar também a possibilidade de que existam indivíduos que passam muito tempo de suas vidas repetindo padrões de comportamentos de maneira displicente sem se aterem ao fato de que são responsáveis tanto pelo pensamento como pelo produto deste pela ação, e que ambos poderiam ser elaborados a partir da consciência.

O psicanalista Wilfred Ruprecht Bion trouxe uma soma importante à psicanálise com sua teoria do pensamento, pois a partir dela a percepção da estrutura do indivíduo se tornou mais evidente, demonstrando que a maneira de funcionar do sujeito é regida em conformidade ao desenvolvimento dos seus pensamentos.

Acontecimentos trágicos geram impactos na vida do indivíduo pelas frustrações provocadas por estes, que de certa maneira instigam mudanças drásticas para resoluções. O indivíduo precisa assumir novas posturas, empreender novas habilidades e assim modificar seus comportamentos e atitudes, experimentando e, ao mesmo tempo, construindo um novo mundo.

Com base nestes pensamentos, este trabalho foi desenvolvido no intuito de apresentar um estudo que aguça a vontade de compreender a reinvenção do ser humano acometido por fatalidades, no caso, atletas de um time de basquete em cadeira de rodas.

No acompanhamento destes atletas pela profissional foi possível perceber a relevância de certos aspectos da cultura e da estrutura familiar do atleta para o movimento de superação, diferentemente de outros indivíduos que não passaram por processos tão trágicos e não mostram a mesma resiliência¹.

Ao longo do desenvolvimento do trabalho foi evidenciada a possibilidade de se utilizar das teorias psicanalíticas no trabalho com grupos, instrumentando ainda mais a capacidade de superação e, conseqüentemente, contribuindo para o fortalecimento do ser no mundo.

O principal objetivo deste trabalho é apresentar um estudo de caso sobre a experiência de uma psicóloga com atletas cadeirantes durante dez meses no ano de 2011, na instituição ICEP Brasil², especializada no trato de pessoas com deficiência, trazendo um panorama do funcionamento destes atletas em relação aos processos de superação e transformação individualmente e no grupo.

¹ Termo originário da Física que designa a capacidade elástica que certos corpos têm de voltar ao estado anterior após sofrerem uma deformação (Cyrułnik, 2004). Na Psicologia pode ser definido como a adaptação pessoal bem sucedida a situações adversas (Laranjeiras, 2007).

² ICEP Brasil – Instituto Cultural, Educacional e Profissionalizante de Pessoas com Deficiência no Brasil.

Como objetivo secundário, mas não menos importante, o trabalho busca ainda incentivar o interesse de profissionais e estudantes em atividades desta natureza, demonstrando que a teoria psicanalítica pode ser empregada, para além da lapidação do indivíduo, na melhoria dos atendimentos psicológicos.

A utilização da psicanálise como base estruturante para este trabalho pôde facilitar as vivências, percepções e ações, enriquecendo as atividades realizadas junto ao grupo. Sensibilizada pela teoria vivida e pelos momentos de escutas, a profissional pôde identificar registros íntimos estruturados na personalidade dos atletas ao longo de suas vidas comandando no momento atual, seja para o bem e o sucesso, ou para a uma disfuncionalidade.

E como em qualquer outro lugar no universo, as pessoas com deficiência (PcD)³ também se enquadram em seres passíveis de análises, por coexistirem no mundo com suas aflições e conflitos internos tanto quanto qualquer cidadão no mundo, com o único cuidado de verificação do contexto que se difere pela vivência decretada junto a uma cadeira de rodas e todas as dificuldades que isso venha a acarretar.

A metodologia adotada para o alcance destes objetivos foi a realização de anamneses, questionários específicos, palestras e apresentação de filmes para ampliação da percepção e melhorias de posturas que reforçassem o espírito de equipe. Todas as atividades contavam com momentos de trocas coletivas ao final de cada execução, o que trouxe material suficiente para observação e análise da profissional, norteadas suas interpretações e observações de vivências e dos dados obtidos à luz da teoria de Bion.

A proposta é demonstrar com este estudo a importância da utilização da psicanálise para expandir o entendimento e a compreensão de pessoas com deficiência, em atividades atentas aos fundamentos específicos, que propiciem a amplitude da consciência e a elevação do rendimento do atleta. Além disso, buscou-se identificar a forma de organização do grupo e de sua manutenção, como confirmação da complexidade dos fenômenos individuais atuando no funcionamento da equipe.

³ PcD – Pessoa com Deficiência. Termo utilizado em conformidade com a Portaria da Presidência da República – Secretaria dos Direitos Humanos – Nº 2.344 de 03 de novembro de 2010.

A estrutura do trabalho obedeceu a seguinte lógica: o primeiro capítulo discorre sobre uma apresentação teórica fundamentada na psicanálise de Sigmund Freud e contribuições de Wilfred Bion, com a sua teoria do pensar.

O segundo capítulo apresenta o método de trabalho utilizado no estudo, a partir da descrição das atividades desenvolvidas pela psicóloga junto ao grupo, como filmes, leituras de textos e frases, dinâmicas de grupo e treinos individuais.

No terceiro capítulo foram sintetizadas as experiências práticas junto à equipe, de maneira a explicitar a identificação com a teoria utilizada, tratando do desenvolvimento do pensar, superação e transformação.

O quarto capítulo proporciona uma análise sobre as transformações sofridas ou permitidas pelos atletas em suas vidas, como a busca pelo grupo, a inserção no time de basquete como recreação e esporte competitivo, o que incrementa o movimento de superação diário. São apresentados também os resultados da pesquisa realizada com os cadeirantes ao longo de dez meses do ano de 2011, com uma sistematização em forma de gráficos.

1. TEORIAS PSICANALÍTICAS DE BASE: SIGMUND FREUD E WILFRED BION

Faz-se necessária uma breve exposição de teorias em particular citadas na introdução deste trabalho, para uma melhor compreensão e confirmação do que a análise desta profissional em seu trabalho com os atletas encontrou fundamentada pelo olhar psicanalítico.

O pai da psicanálise, Sigmund Freud (1895/1996), desenvolveu conceitos sobre o aparelho psíquico apresentado em etapas no Projeto, primeira tentativa de representação dos processos psíquicos, onde explicitou a existência de energias (catexias) movimentando-se no aparelho psíquico, isso com base no princípio de Inércia Neurônica que visava descarga da energia somente.

Transpondo isso para uma compreensão psicológica também elaborada por ele já num segundo momento do Projeto, aquelas energias não eram mais vistas somente como neuronais, mas sim como investimentos do indivíduo baseadas na experiência e satisfação (desejo), ou seja, ocorre uma simbolização pelo que o indivíduo já viveu e suas associações ao longo das experiências, que certamente são os guias dos seus atos, pelas sensações boas e o registro de possíveis traumas do indivíduo.

Ainda à luz da teoria de Freud (1920/1996), a tendência de todo o organismo a princípio é o prazer, ou a extinção dos estímulos que fazem o organismo inteiro vibrar, entrando num estado de repouso, ou ainda numa denominação de menor energia possível, na sensação de prazer e desprazer.

Podemos dizer assim, que as liberações destas energias regulam o curso dos investimentos do aparelho e que consciente disso o ser humano age conforme o registro das sensações boas ou ruins firmados por este processo no organismo, pelo outro princípio regulador dos processos mentais, o princípio da realidade.

Surge então uma tendência a isolar do ego tudo que pode tornar-se fonte de tal desprazer, a lançá-lo para fora e a criar um puro ego em busca de prazer, que sofre o confronto de um “exterior” estranho e ameaçador. As fronteiras deste primitivo ego em busca de prazer não podem fugir a uma retificação através da experiência. Entretanto, algumas das coisas difíceis de serem abandonadas, por proporcionarem prazer, são, não ego, mas objeto, e certos sofrimentos que se procura extirpar mostram-se inseparáveis do ego, por causa de sua origem interna. Assim, acaba-se por aprender um processo através do qual, por meio de uma direção deliberada das

próprias atividades sensoriais e de uma ação muscular apropriada, se pode diferenciar entre o que é interno – ou seja, que pertence ao ego – e o que é externo – ou seja, que emana do mundo externo. Desse modo, dá-se o primeiro passo no sentido de introdução de princípio de realidade. (FREUD, 1929/1996, p.76)

A mãe é a pessoa que tem a função de ser a cuidadora, de educar e repassar de maneira didática e traduzida os ensinamentos e sentimentos para que o seu filho possa compreender mesmo com a imaturidade de seu aparelho psíquico, e é na relação com este ser que fundamenta o desenvolvimento da capacidade do indivíduo de lidar com o mundo externo, se tiver de início este suporte, sentindo-se amparado e sem desespero. No livro *Freud e o inconsciente*, Luiz Alfredo Garcia-Roza cita Freud em relação ao amadurecimento do psíquico:

Não pode haver dúvida de que o aparelho psíquico só atingiu sua perfeição atual após longo período de desenvolvimento. (...) A fim de chegar a um dispêndio mais eficaz de força psíquica, é necessário dar um alto à regressão antes que ela se torne completa, de maneira que não avence além da imagem mnemônica e seja capaz de buscar outros caminhos finalmente a conduzam à desejada identidade perceptiva que está sendo estabelecida a partir do mundo externo. (FREUD, 1900 apud GARCIA-ROZA, 1987, p.58)

Sigmund Freud escreveu sobre a necessidade do desenvolvimento de um aparelho psíquico para abarcar os estímulos intensos que chegam à mente, de maneira a propiciar elaboração e não somente uma descarga. Wilfred Bion, por sua vez, defendeu a ideia de que o pensamento é o que gera a necessidade do aparelho do pensar.

Ambos falaram sobre a frustração de maneiras pontuais, Sigmund Freud defendia o movimento psíquico que ocorre quando o sujeito se depara com a não realização do desejo, ou com a falta do objeto desejado. A teoria de Bion nos traz a reflexão de que é a partir da frustração que ocorre a possibilidade do amadurecimento do aparelho psíquico, e formula a hipótese da existência prévia dos pensamentos e da formação posterior do “aparelho do pensar”. Daí por diante, a elaboração da capacidade do indivíduo de lidar com a falta ou com a situação frustrante, pode se dar pela fuga ou pelo enfrentamento de maneira a transformar a frustração, conforme citação de Zimmerman:

No entanto, para Bion, o essencial é a maior ou menor capacidade do ego do lactante de tolerar o ódio resultante dessas frustrações. Da mesma forma, considera fundamental, quando se trata do processo

psicanalítico, se vai haver uma fuga em relação à frustração ou uma modificação dessa frustração. (ZIMERMAN, 1997, p.130).

Percebe-se que, tanto na teoria de Freud como na de Bion, a observação deste aspecto já se inicia no lactante, e parece ser desta etapa em diante que ocorre o registro deste fenômeno, que é o aprendizado de superação ao meu compreender.

O caminho de entrar em contato com a sensação negativa no primeiro momento resultante da frustração pode levar a criança a encontrar uma solução criativa e bem particular para tal falta, uma vez que o encontrado naquele momento não é o aguardado e não se enquadra na satisfação do seu desejo, ou obtenção do objeto desejado/amado, como normalmente se procede entre a relação mãe e bebê.

Um exemplo disso é o que ocorre durante o ato de amamentar (mãe) e de se alimentar (bebê), dominado por sentimentos e reações de ambos que vão amadurecendo o psíquico deste último, guiado primeiramente pelo processo sensorial, inclusive pelos sentimentos e sensações internas da mãe que podem ou não serem expressos no ato de amamentar, mas de toda forma registrados pelo sensório do bebê.

Cabe apresentar outro conceito importante da teoria de Bion para compreensão do ser humano, o “continente”, tão claramente exposto em sua teoria, exemplificado pelo entendimento da função de “ser mãe”, necessária na vida da criança que depende completamente do outro para se estabelecer. Um ser maduro o suficiente, para saber lidar com seus aspectos de humanidade, senhor das suas próprias emoções e conflitos, e que, de preferência, saiba utilizar assertividade nas resoluções e conquistas de sua vida. Sendo assim, a mãe é uma espécie de “continente” que é capaz de *rêverie*⁴ segundo a teoria de Bion:

Bion empregou de forma mais consistente e sistemática para caracterizar as identificações projetivas que se processam entre as necessidades e ansiedades do bebê (conteúdo: ♂) projetadas na mãe e a capacidade desta em contê-las (continente: ♀) até poder devolvê-lo de forma adequada ao bebê. (BION apud ZIMERMAN, 2004/2008, p.231).

Certamente a mãe e a qualidade da relação estabelecida entre ela e seu filho é que possibilitam à criança uma maior capacidade de lidar com as frustrações,

⁴ Rêverie: A capacidade de rêverie da mãe é o órgão receptor da colheita de sensações que o bebê, através de seu consciente, experimenta em relação a si mesmo (Bion, 1967/1994).

seja na hora de querer o alimento e não poder, ou futuramente ao longo da vida com o enfrentamento dos desafios.

As funções de mãe e continente estruturam o indivíduo, viabilizando a depuração do mesmo em sua experiência no mundo. Neste contexto Bion apud Zimmerman (2004/2008, p.130) afirma: “emoções e o conhecimento são indissociáveis entre si, sendo que o pensamento precede o conhecimento, porquanto o indivíduo necessita pensar e criar o que não existe, ou seja, o que ele não conhece”.

São nos desafios, no que difere do conhecido, que ocorre esta possibilidade de aprendizado e desenvolvimento, pois além da percepção de que algo não é igual ao padrão das experiências anteriores, o sujeito precocemente se depara com a necessidade de agir e não saber como, por ser ainda imaturo e continuar necessitando do apoio adulto da mãe.

No decorrer deste desenvolvimento, é notório que as etapas precisam ser bem marcadas e vividas, por isso, tanto Freud como outros teóricos citam a necessidade de se ter contenção, a visão de lei, de limites, para que a formação do indivíduo se dê de forma plena de suas faculdades e com possibilidade de saber lidar com o externo e as relações que trará ao longo da vida. Seguindo este raciocínio, Winnicott (1958/1988, p. 504) defende o conceito de deprivação, relacionado ao sentimento de abandono: “uma criança deprivada – quando é destituída de algum aspecto essencial de sua vida em família”.

Neste sentido, Bion traz de maneira didática em sua teoria elementos para exemplificar o lidar com o mundo, pontuando suas vivências profissionais. A partir disso, desenvolveu os conceitos de elementos alfa (α) e beta (β), por exemplo, que podemos relacionar com a mãe-continente, a que alfabetiza e ensina a encontrar uma saída criativa, a que propicia o pensar. A mãe faz o papel de contenção das possíveis angústias e ansiedades da criança, as quais se podem chamar de “conteúdos” de acordo com a teoria de Bion. Citando Zimmerman novamente na interpretação deste conceito de Bion:

Como se vê, as experiências de realização negativa são inerentes e indispensáveis à vida humana e podem resultar em dois modos de desenvolvimento: Se o ódio resultante da frustração não for excessivo à capacidade do ego do lactante em suportá-lo, o resultado será uma sadia formação do pensamento, através do que Bion denomina “função Alfa” a qual integra as sensações provindas dos órgãos dos sentidos com as respectivas emoções. Caso contrário, se o ódio for excessivo, os protopensamentos que se formam, denominados por

Bion “elementos Beta”, não se prestam à função de ser pensados, pois são tão abrumadores que precisam ser imediatamente aliviados, portanto descarregados, pela criança, através de uma agitação motora (e, no caso de pacientes, por meio de actings) ou pela via de somatizações, mas sempre com um exagerado uso expulsivo de identificações projetivas. (BION, 1973 apud ZIMERMAN, 2004/2008, p.130).

A criança, ao se deparar com o frustrante, necessita sentir-se acolhida para ser capaz, ou seja, tolerar a intensidade dos seus conteúdos de forma a encontrar uma saída, ou caso contrário optará pela fuga. A criança deprivada dificilmente encontrará sozinha e com facilidade uma saída, devido à falta do continente.

Esta maneira de compreensão que Bion nos fornece com os conceitos de conteúdos facilita o entendimento da formação dos pensamentos. Os elementos betas (β) são considerados pensamentos que não conseguiram chegar a ser “pensados” por falta de capacidade do pensante, logo, ficam como uma energia pulsante, experiências sensoriais sem elaboração psíquica, instintiva somente. Ligeiramente ao contrário dos considerados elementos alfa (α), que serão pensados, tratados pelo psíquico conjuntamente com todo o arcabouço sensorial, e, denotando o amadurecimento do psiquismo, resultará em uma ação criativa do indivíduo.

Com a existência de teorias como essa apresentada acima e a que precipitou a mesma, elaborada por Freud, pode-se acompanhar a evolução traçada por esta estrutura de funcionamento do psiquismo corroborada em análise clínica até os dias atuais, bem como em trabalhos como este feito com os atletas cadeirantes e suas vivências.

Todo indivíduo traz em seu desenvolvimento registros que influenciam no aqui e agora, mas isso não significa que há determinação fixa, devendo se considerar a psicodinâmica do processo, e, conseqüentemente, o envolvimento do indivíduo com seu universo. Há casos, por exemplo, em que pessoas encontram dificuldades em ultrapassar certos padrões de comportamentos, não se atendo à sua própria possibilidade de intervir com o pensar e o agir, o que poderia promover mudanças na vida.

O início da evolução do aparelho psíquico, dos pensamentos e toda a psicodinâmica deste processo foram dados pela visão freudiana do complexo de Édipo como estruturante, o que constitui a subjetividade do sujeito. O psiquismo é

dinâmico porque pode ser alterado pela capacidade de consciência e mudança, uma vez estando o indivíduo ciente do funcionamento do próprio processo psíquico, desejos incontidos, fixação e repetições de comportamentos. Nem sempre a percepção precisa ser pelo sofrimento, mas por intermédio deste certamente se supera uma etapa promovendo elaboração e mudança. Isso é pra ser dinâmico e considerando a individualidade de cada ser dentro deste processo de percepção, ciência e mudança.

1.1. Transformações

No campo do comportamento humano há muitas teorias que tentam comprovar o que leva o indivíduo a vencer etapas, a ultrapassar barreiras e dificuldades, e com isso crescer, se desenvolver, tornando-se um adulto bem sucedido.

Sobre o processo de transformação, Bion (1965/1983) traz em consideração os elementos psicanalíticos que são o material de trabalho de um psicanalista. Os acontecimentos de uma vida impressionam cada ser de uma forma, seja na vida comum ou na expressão de um artista ao pintar um quadro, ou escrever um poema ou livro. O relato de uma vivência obtém nuances singulares com o foco íntimo de quem o conta, que já não é o mesmo da cena original, pois o original não se domina, simplesmente é, e não se contém dentro de qualquer tentativa de explicação.

Bion foi um psicanalista dos analistas, criou sua teoria para maior apropriação de um setting terapêutico e seus matizes, sempre respeitando o aqui e agora, a experiência do momento que se apresenta, pois certamente vem repleta de conteúdos que representam o todo do indivíduo e que, analisados pela classificação da natureza dos pensamentos e sua história evolutiva, tornam-se mais compreensíveis.

Por isso mesmo, Bion (1965/1983) criou intuitivamente um instrumento de trabalho que denominou a Grade⁵. Uma espécie de tabela em que se anotam os elementos de objeto psicanalítico, material de trabalho de um analista, conseguidos numa sessão com o paciente e sua fala, o analista faz a grade nos moldes que Bion

⁵ Anexo A.

desenhou, colocando concepção de um pensamento, concepção e conceito, todos indicados na parte horizontal acima da tabela. Como exemplos: elementos alfa (α) – pensamentos elaborados, elementos beta (β) – protopensamentos.

Os elementos que compõem a Grade servem para auxiliar o reconhecimento do processo de representação do paciente, sendo necessário atentar ao estado do desenvolvimento do pensamento que vem antes da comunicação.

Em dada oportunidade no trabalho com um dos atletas do time de basquete, durante a anamnese, quando solicitado a falar, sua resposta era: *“Não sou de falar; cada qual sabe de sua própria vida”*. Esta fala vinha sempre acompanhada do gesto de colocar a mão à frente da boca. Este atleta era o que mais apresentava elementos betas (β), pois dentro da quadra, quando se deparava com situações que lhe causavam certa frustração e suas tentativas repetidas de manter o controle não surtiam o resultado desejado, manifestava uma ira incontrolável, e acabava sendo expulso de quadra por falta técnica. Não continha suas emoções, não sabia expressar coerentemente o que estava tentando dizer, e como resultado por não saber se colocar, suas ações eram agressivas e contaminavam a equipe, prejudicando o andamento do jogo. Era por vezes repreendido e, em seguida retirado da quadra, o que aconteceu repetidas ocasiões.

Na exemplificação de Bion (1961/1975), a intolerância a frustração resulta na utilização da mente como um órgão muscular de expulsão, tal com o reto e a bexiga (SYMINGTON; SYMINGTON, 1999, p.138). O comportamento do atleta acima citado se encaixa perfeitamente neste exemplo, uma vez que, aparentemente de acordo com seus processos internos e ações vivenciadas, contava com um resultado que não aconteceu, e sua intolerância e frustração sem capacidade de elaboração se tornou uma energia agressiva que necessitava de ser dispensada pra fora de si e encontrar uma saída. De acordo com a teoria de Freud (1920/1996) o movimento de liberação de energia leva o organismo a um estágio de repouso, ou seja, o princípio do prazer, independentemente da saída encontrada.

Logo, sua irritabilidade extrema explode e ele é expulso de quadra, assim como seu pensamento foi jogado pra fora da primeira maneira que consegue, como uma “coisa” pesada e desagradável, ou seja, elemento (β). E ao colocar na Grade

fica na coluna A6, anunciando a interpretação feita com base na vivência relatada ou, neste caso, observada pela analista pesquisadora.

Quando o trabalho é contínuo, é mais fácil a identificação de alguns comportamentos repetidos e emitidos pelo paciente, tal como em um trabalho de análise. Desta forma, a teoria de Bion vem corroborar as identificações no âmbito de transformação em O, tomando por base esta leitura psicanalítica. Utilizando novamente o exemplo do atleta citado, em algumas conversas que se seguiram após estas repetições de expulsões, o seu desabafo era, geralmente, no sentido de que sua maneira de pensar não conseguia se estruturar com maturidade, uma vez que sua percepção se encontrava no externo. Esta interpretação foi confirmada pelas falas: *“Eles não me compreendem”, “Sou injustiçado”, “O técnico não me ouve”*.

Neste momento a analista pesquisadora pontuou que talvez a forma que ele (atleta) havia encontrado para se comunicar não estivesse representando o que realmente queria dizer. Foi incentivado a ficar atento a este comportamento, o que fez com que ele experimentasse a cada tentativa um novo comportamento, tentando se colocar toda vez que sentisse necessidade, sem a irritabilidade ou os gritos. Aparentemente, dessa maneira verificou que algo pôde ser modificado para estar do seu agrado, desde que expressasse respeitosamente e com clareza sua vontade.

Consequentemente, percebeu-se uma melhora a cada dia, a cada treino e contato com este atleta, o que parece ter fortalecido sua autoestima porque percebeu que a comunicação, o jeito de se portar frente aos outros, e à equipe mudou para melhor, inclusive tendo sido reforçado pelos demais atletas e técnico.

Hoje o atleta consegue falar de si e das situações que gostaria que fossem diferentes, e mesmo que ainda caminhe lentamente na percepção de si em outros aspectos que influenciam no seu posicionamento frente à vida, já parece se analisar com mais frequência no seu jogo, na conduta dentro de quadra e no trato com a equipe toda.

A transformação já é possível de ser observada por todos os outros integrantes, tendo este atleta se tornado mais consciente de um dos seus pontos mais negativos, consequência da falta de habilidade de se colocar. Enfrentou corajosamente um conflito interno e uma falha, o que não é nada agradável para

ninguém, se permitindo a aprender e empreender um novo funcionar e se transformando intimamente.

Agora segue em frente evoluindo na luta de desmistificar a imagem negativa que as pessoas tinham dele, tão associada a um ser facilmente irritável, desafio que também abraça de frente com paciência e resignação nos seus propósitos, com a certeza de que não será mais por conta dos destemperos que será expulso de quadra, vibrando com sua própria conquista.

As transformações podem ser vivenciadas em ciclos, e Bion identifica modalidades de transformações, que em termos comuns, podem ser destacadas as mudanças eleitas por crenças, as mudanças feitas por intermédio do intelecto e aquelas geradas pelas vivências, principalmente as dolorosas, as quais passam pela frustração, pela ruptura de uma satisfação ou pela dor. Enfim, novamente frisando a elevação do pensamento do homem após algo que o faz pensar, recordar e elaborar, mudando o rumo das coisas e situações na vida.

1.2. Realidade de transformação em O

Esta é a realidade que não pode ser conhecida abertamente pelo indivíduo, pois segundo Bion somente se conhece pelo movimento de “vir a ser”. Dentro do processo de colocar os fenômenos ocorridos nas sessões na Grade, ainda entra uma disciplina que é o “ato de fé” (F):

Na necessidade de renunciar a este tipo de evidência, do molde em que a mente possa ser um curso. (F) revela e torna possíveis experiências que são muitas vezes dolorosas e difíceis para cada analista e analisando tolerarem. (BION, 1970, p.46 apud SYMINGTON; SYMINGTON, 1999, p.145).

Um conceito importante, a saber, quando aparece o “medo do conhecimento” (-K) significa que ocorre o medo da transformação de conhecer O para tornar-se O. Alguns indivíduos apresentam a dificuldade em aprofundar o conhecimento de si, pois é mais fácil simplesmente aprender alguma coisa do que tornar-se, aprofundar-se no conhecimento íntimo de si.

Algumas pessoas até buscam auxílio para tal intento, o do autoconhecimento, em psicoterapias e análises, o que certamente é um poderoso

caminho para este fim, mas mesmo assim existem indivíduos que não se beneficiam deste instrumento por se bloquearem pelo medo de conhecerem-se, limitando-se à superfície de si mesmo, pois aprender através da vivência de alguns aspectos do Eu, ou seja, sendo-o, não é agradável, segundo Symington e Symington (1999, p.145):

Preferimos muito mais saber sobre nós mesmos do que ser nós mesmos, especialmente aqueles aspectos de nós próprios recuperados, pela análise, da obscuridade a que os relegamos. Só quero saber dos fatos de mim, e nada sobre esse processo interativo.

1.2.1. Ciclos de Transformações

Mesmo com a dinâmica que ocorre em todo o processo, elementos e funções, vínculos variando de posição em determinados aspectos, o necessário é que ocorra a evolução da transformação em (K) para (O), onde se estabelece a passagem do conhecer para o ser, uma iluminação pessoal.

Pelos vínculos fica mais fácil a percepção do que está ocorrendo no momento da fala do paciente, pois esta é determinada pelas paixões e emoções, como já citamos neste trabalho, momento no qual o indivíduo se entrega e se apresenta na vida. Na coluna 2 da Grade (Anexo A) são colocados A resistência a verdade são expressas na coluna 2. Vínculos K. (conhecimento) L. (amor) H. (ódio) e - K (medo do conhecimento), que são as pontuações da percepção da analista utilizando estes termos como instrumento para ampliar a compreensão do funcionamento da maneira de pensar do paciente.

Existe maior facilidade de nos lembrarmos de algo que nos é ou foi importante quando este fato é relacionado a sentimentos gerados em relacionamentos, entre outras situações. Esta percepção foi verificada durante entrevistas com os atletas cadeirantes.

Ao serem indagados sobre seus sentimentos da época do acidente, doença e tragédia que os acometeram, alguns atletas conseguiam falar dos seus sentimentos sem nenhum problema, trazendo os fatos relevantes e o que sentiram, aparentando uma lógica no pensamento conjuntamente com a capacidade de entrar

em contato e transpor as informações com a naturalidade de alguém que já elaborou todo o processo vivido de forma saudável e sem traumas.

Outros pareciam nem se lembrar dos detalhes e ter dificuldades de relembrar as emoções que sentiram. Diziam somente: “*Foi normal!*”. E o que é normal, não é mesmo?

Essa diferença de postura dos atletas que falaram com tranquilidade de si de todo o processo outrora dolorido, certamente foi o que possibilitou o indivíduo a superar com maior facilidade o episódio vivido, por meio da elaboração que transformou a experiência negativa em degrau para nova vida. Isto nos remete à teoria de Bion, pois estes SÃO e se permitiram TORNAREM-SE SER! Ou seja, superaram o medo de se conhecer intimamente, além de passar pela experiência.

Transpondo nos códigos de Bion para se colocar na Grade, a interpretação da analista pesquisadora é de que estes atletas permitiram seus elementos alfa (α) e transformaram α , enquanto os que não demonstram a mesma facilidade podem ser considerados elementos beta (β) e transformaram β , que não querem conhecer O, logo = medo de conhecer (-K), e com isso não se tornaram plenos nesta experiência de suas vidas. Não entraram em contato total com o SER. Apesar de todo processo de vida aparentemente ser igual ao do anterior, o nível de evolução do pensamento, dado pela tolerância à frustração daquele momento é doloroso até hoje, mesmo que não atrapalhe num nível devastador, certamente traz limitações na forma deste ser se expressar no mundo.

Outro ponto importante a acrescentar no entendimento da Grade é relacionar o ciclo de transformação incluída por Bion sobre fé (F). Isso é perceptível como característica da relação do que está acontecendo no momento da fala, no pensamento do indivíduo. Geralmente, (F) torna possível à revelação de experiências dolorosas do indivíduo. Neste caso, acima citado da diferença de atletas que conseguiram falar abertamente de suas experiências passadas e os que demonstraram dificuldades, aparente relação com esta teoria que denota o medo transformar e conhecer O para tornarem-se O.

2. O MÉTODO DE TRABALHO PARA CHEGAR ÀS CONSIDERAÇÕES PELA PSICANÁLISE

O presente trabalho teve como estudo de caso a vivência de uma profissional da psicologia no acompanhamento da equipe de basquete sobre cadeiras de rodas do ICEP Brasil no ano de 2011. Estas vivências se fundamentaram em encontros de ordem clínica, dinâmicas de grupos e atividades em quadra, sendo que estas últimas consistiam no verdadeiro intuito do projeto, uma vez que se trata de uma equipe de alto rendimento no esporte regional e nacional.

O projeto continha uma boa estrutura de apoio ao time de basquete, como local para treinos três vezes na semana com duração de quatro horas, sendo às terças e quintas no horário das 19:00 às 22:00 e aos sábados das 09:00 ao 12:00. E uma vez na semana, geralmente às quartas-feiras das 19:00 as 22:00, aconteciam os trabalhos com a psicóloga na sede da instituição de forma individual com os atletas e membros da comissão técnica.

Contava com um contingente de pessoal técnico para apoio administrativo, coordenador do projeto, coordenador técnico, assistente técnico, bem como o mecânico responsável pela manutenção das cadeiras de rodas e material específico para este fim, e mais dois apoios para auxiliar o transporte das cadeiras nos jogos e treinos. Contava também com um motorista para dirigir o veículo alugado especificamente para ficar a disposição dos atletas do projeto. Ainda fazia parte da equipe, além da psicóloga, uma fisioterapeuta que trabalhava em parceria com a psicologia e o técnico, com formação e vasta experiência junto ao basquete em cadeira de rodas.

O trabalho da equipe técnica (psicóloga, fisioterapeuta, técnico e coordenador técnico) era feito de maneira multidisciplinar, e os atletas podiam contar com a assessoria dos profissionais e com todo o material necessário para cada atleta exercer seu objetivo de jogar basquete no grupo de cadeirantes, defendendo a instituição e os patrocinadores, além da bandeira individual ditada pela garra, expectativas e anseios de cada um, bem como a inclusão social e desportiva de pessoas com deficiência.

O projeto teve duração de onze meses, apoiado pela Lei N.º 11.438, de 29 de dezembro de 2006 (Lei de Incentivo ao Esporte) e objetivava, dentre outras metas, o alto nível de basquetebol em cadeira de rodas para representar o Distrito Federal em competições regionais e nacionais.

2.1. Anamneses

Logo no início no mês de fevereiro de 2011 a psicóloga da equipe aplicou anamneses individuais com uma hora de duração, cujo formulário se encontra em anexo (Apêndice A). O questionário trazia diversas perguntas que se destinavam à investigação mais completa do SER e seus comportamentos frente à vida. Buscava levantar dados da vida pregressa, desde sentimentos possíveis da hora do trágico dia e dados familiares, que sempre são importantes para compreensão do movimento do indivíduo e sua constituição por isso. Objetivava ainda a obtenção de detalhes de saúde, comportamentos e visão de si, além da experiência com o esporte e a integração do grupo em questão com suas expectativas.

A partir deste momento, já durante a análise das anamneses, bem como durante o contato individual com cada atleta, foi possível identificar o que certamente fez a diferença no movimento de superação de cada um. São alguns fatores importantes a se destacar com base no existencialismo (emprego da paixão, vontade e fé ditadas pelo íntimo), pois a partir daí que o indivíduo empreende o caminho acessível para o alcance de suas metas.

Como já relatado também, episódios diferentes levaram estes atletas a depender da cadeira de rodas ou da muleta para locomoção, como doenças na infância, acidentes automobilísticos ou com arma de fogo, conforme pode ser observado no quadro a seguir:

Quadro 01

Integrantes da Equipe de Basquete sobre Cadeira de Rodas do ICEP Brasil

NOMES⁶ e FUNÇÃO	IDADE	GRAU DE ESCOLARIDADE	PONTUAÇÃO	LESÃO
Zulú Atleta	29	Fundamental	4.0	Amputado por tétano aos 13 anos ao furar o pé correndo numa brincadeira com a irmã.
Navarro Atleta	31	Fundamental	4.5	Acometido pela infecção ostiomielite crônica – amputado 8 a 10 cm do fêmur. (13 anos)
Tavares Atleta	50	3º grau completo	1.0	Acidente com arma de fogo, aos 15 anos brincando com o irmão. Atingiu a medula.
Luiz Coordenador	48	Fundamental	2.5	Teve uma lesão medular na T11, que foi comprimida num acidente de carro aos 21 anos.
Barbosa Atleta	35	3º grau completo	2.0	Vítima de arma de fogo numa briga com bandido aos 19 anos.
Cristóvam Auxiliar Técnico	41	Básico	2.5	Sequela de pólio aos 11 meses de idade.
Mazinho Atleta	21	3º grau incompleto	4.5	Rompimento do menisco e ligamentos ósseo internos aos 15 anos (congênito).
Souza Atleta	43	2º grau	4.0	Sequela de paralisia infantil ocasionou o não desenvolvimento total de uma das pernas.
Oliveira Atleta	26	3º grau incompleto	2.0	Acometido por um tiro de arma de fogo aos 16 anos em decorrência de uma briga.
Soares Coordenador	60	Fundamental	3.5	Atingido por um tiro de arma de fogo enquanto estava sentado num bar aos 19 anos de idade.
Silva Atleta	32	Fundamental	4.0	Osteosarcoma aos 14 anos, teve que amputar a perna direita.
Rocha Atleta	44	3º grau completo	4.5	Acidente de carro aos 25 anos, perdeu uma perna.
Rodrigues Atleta	31	3º grau incompleto	2.0	Vítima de arma de fogo, levou um tiro pelas costas indo pra escola aos 20 anos.
Antônio Atleta	41	2 cursos superiores incompletos: arquitetura e direito	4.0	Pólio aos 11 meses.
Igor Atleta	38	Cursando educação física penúltimo ano	4.5	Acidente de moto aos 30 anos.

Fonte: Dados retirados das anamneses feitas pela profissional no início do projeto.

⁶ Todos os nomes utilizados nesta monografia são fictícios, para preservação da identidade dos sujeitos.

Cabe informar que a coluna pontuação se refere ao nível de lesão do atleta, sendo mais baixo quanto maior o comprometimento dos movimentos. Durante o jogo, a soma da pontuação dos atletas em quadra não pode ultrapassar 14 pontos.

2.2. Outros procedimentos

O quadro abaixo mostra a evolução dos procedimentos adotados para a pesquisa e elaboração deste trabalho, na agenda de atividades junto à instituição no ano de 2011.

Quadro 2

Agenda de atividades com a equipe do basquete do ICEP Brasil no ano de 2011

Atividades	Participantes	Local
Anamneses (fevereiro de 2011)	20 integrantes da equipe ⁷	ICEP
Atendimentos específicos	7 atletas	ICEP
Encontros individuais semanais	12 atletas	ICEP e local de treino
Trabalhos de grupos	12 atletas e equipe técnica	ICEP e local de treino
Apresentação de filmes	Todos	ICEP
Trabalho motivacional e didático	Todos	ICEP e local de treino
Questionário e avaliação	Todos	Internet e ICEP

Ao final da execução de cada trabalho era fornecido tempo considerável para o momento de “compartilhar”, onde os participantes se permitiam expressar o que sentiram durante a dinâmica, como se houve identificação, aprendizado ou não concordância, o que trouxe material suficiente para o desenvolvimento desta monografia. Estes momentos por muitas vezes foram oportunidades de resoluções de conflitos, o encontro de possibilidades de melhora e resoluções de problemas até mesmo junto com a instituição.

Conforme descrito anteriormente, este estudo foi integralmente fundamentado pela leitura psicanalítica, trazendo em algumas atividades a facilitação por algumas abordagens específicas, como a de Freud referente à subjetivação do indivíduo, simbolização do pai e limites na vida do indivíduo, a de

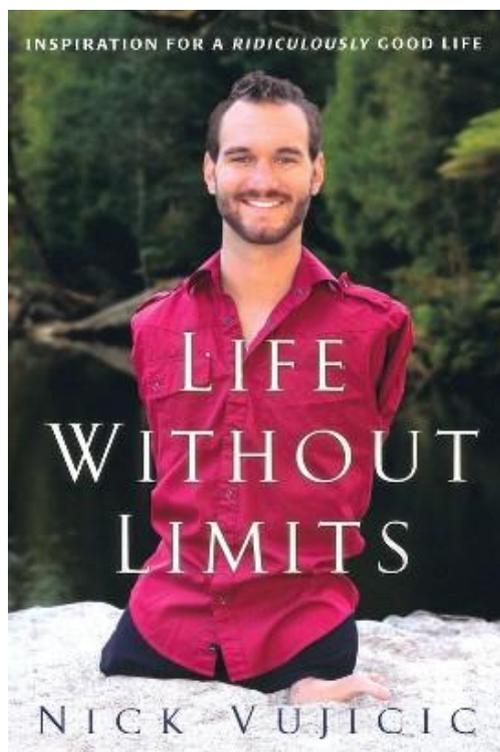
⁷ Além dos 2 coordenadores, do auxiliar técnico e dos 12 atletas bolsistas, participavam da equipe 5 outros atletas não-bolsistas, não relacionados no quadro 01.

Winnicott com a questão do amor (holding) e o sentimento de amparo que o indivíduo tanto precisa, e mais profundamente, a de Bion, com todo o arcabouço de instrumento deixado por ele a contribuir na compreensão do ser humano individualmente e em grupo.

Ministrei palestras motivacionais, apresentando vídeos como a história de superação do Nicholas James Vujcic, nascido na Austrália com uma síndrome humana rara, caracterizada por uma falha na formação embrionária que acarreta a ausência dos quatro membros. Passou por diversas dificuldades desde a infância e chegou a pensar em suicídio, mas optou pela vida, tendo sido sempre apoiado pela mãe, que o fez enxergar que poderia fazer a diferença em sua própria vida. Hoje ele faz tudo o que gostaria e viaja o mundo dando palestras sobre o seu movimento de superação.

Figura 01

Capa do livro “Without limits”, de Nick Vujcic



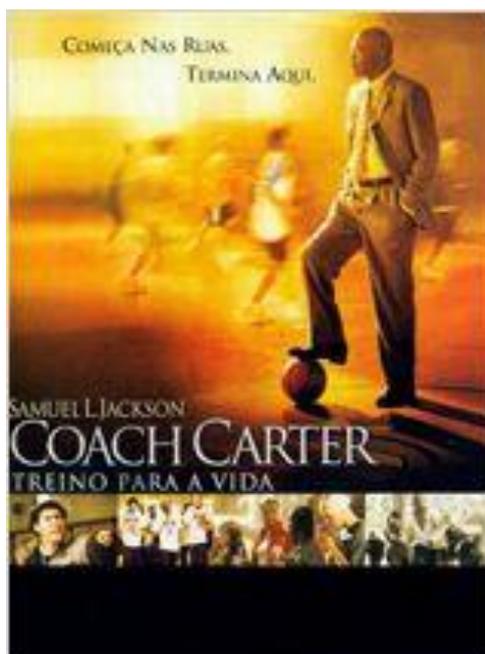
Neste momento de encontro de grupo, o compartilhar e o debate foram amplos, e a necessidade de falar também das suas dificuldades e das identificações que sentiram com Nick, proporcionou um momento rico de troca de experiências e emoções afloradas.

Outra atividade realizada foi a apresentação do filme “Coach Carter – Treino para a Vida”, que foi amplamente debatido ao longo de dinâmicas de grupo. Inicialmente voltado para a percepção de jogo, após o término do filme foram feitas indagações aos integrantes do grupo, como: Como é o seu comportamento em quadra? E você se comporta como um verdadeiro atleta? Você se conhece? E você faz parte da equipe? Qual a visão de equipe que você tem?

As questões tiveram por objetivo somar à reflexão que o filme proporciona referente alguns pontos relacionados ao espírito de equipe. Um fabuloso instrumento de trabalho que integrou e relaxou o grupo e, certamente, ampliou o debate e até mesmo o pensamento de alguns atletas, que relataram o quanto cresceram ao assistir o filme debatendo com a equipe.

Figura 02

Capa do filme “Coach Carter – Treino para a Vida”



Utilizei em quase todas as dinâmicas de grupo frases e textos do técnico Bernardinho, da seleção masculina de vôlei do Brasil. Reprisei e trouxe para debate algumas entrevistas como a do jogador Falcão, do futebol de salão brasileiro, bem como de atletas de cadeiras de rodas americanos.

Realizei também uma dinâmica de grupo com música e letra, no caso a música “Vou deixar”, do grupo mineiro Skank, cuja letra se encontra reproduzida no Anexo B. Outro momento que na minha percepção proporcionou insights, pois a música era esmiuçada em dinâmicas de compartilhar.

Figura 03

Capa do livro “Transformando suor em ouro”, de Bernardinho



3. GRUPOS EM BION E PERCEPÇÃO DA EQUIPE COMO UM TODO

Podemos ir longe, se começarmos de muito perto. Em geral começamos pelo mais distante, o “supremo princípio”, “o maior ideal”, e ficamos perdidos em algum sonho vago do pensamento imaginativo. Mas quando partimos de muito perto, do mais perto, que é nós, então o mundo inteiro está aberto – pois nós somos o mundo. Temos de começar pelo que é real, pelo que está a acontecer agora, e o agora é sem tempo.

Krishnamurti

Bion fez outra grande contribuição à psicanálise ao registrar sua experiência com grupos, deixando uma facilitação para o caminho dos psicanalistas e outros profissionais que queiram se aventurar também por esta área de conhecimento.

Da mesma forma que Freud propõe o conceito de inconsciente para o indivíduo, Bion constrói a relação de “mentalidade do grupo”, que seria o grande elo das pessoas em um grupo, que guiados pelo mundo íntimo também emprestam empenho ao objetivo do grupo.

A mentalidade de grupo é a expressão unânime da vontade do grupo, à qual o indivíduo contribui por maneiras de que não se dá conta, influenciando-o desagradavelmente sempre que ele pensa ou se comporta de um modo que varie de acordo com as suposições básicas. (BION, 1961/1975, p.57)

Por este motivo, considerando a dinâmica dos processos mentais individuais, o grupo e seu funcionamento também não são estáticos e se transformam, manipulam e são manipulados, trazem alternâncias e peculiaridades conforme os elementos e funções que se encontram. Daí a necessidade de elevação de líderes para apoio e constituição de grupo.

Seguindo este raciocínio, Bion nominou alguns elementos de funcionamento como *Supostos Básicos (SB)*, que se estruturam no funcionamento íntimo de construção do sujeito em sua relação com outros indivíduos, formando um grupo.

Bion descreve três tipos de supostos básicos que são: suposto básico de “dependência”, de “luta e fuga” e de “pareamento” ou “acasalamento”. O suposto básico de dependência trata dos indivíduos que interagem grupalmente

necessitando de um líder carismático e com a total dependência de proteção e aprovação deste.

O suposto básico de “luta e fuga” denota uma necessidade grupal inconsciente de luta, de forma a defender qualquer intromissão ou mudança que vá contra o seu jeito íntimo de funcionamento do indivíduo, similar ao objetivo maior do grupo, seguido e defendido por este. O movimento de fuga é empregado quando se depara com a incapacidade frente a um conflito gerado pela não similaridade com a crença interna do indivíduo e, conseqüentemente, do grupo. Por isso mesmo o indivíduo e o grupo não o acolhem nem o admitem, empregando a atitude de fuga. Nesse tipo de grupo, o tipo de líder escolhido é, geralmente, autoritário e tirânico.

O suposto básico de “pareamento” ou de “acasalamento”, por se assimilar aparentemente com a manutenção do primeiro modelo de relação do indivíduo (pai e mãe), conota uma formação implícita de envolvimento sexual, como se o grupo fizesse parte da família. Neste tipo de conformação o líder inconscientemente desejado é um salvador, um messias, ou seja, uma promessa de santidade e autoridade maior.

Tais nomeações auxiliam a percepção nos funcionamentos de qualquer tipo de grupo pela emergência das suposições básicas nos indivíduos e de como eles interpenetram no funcionar em grupo e em suas relações interpessoais, como exemplifica um psicanalista da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ), que tem experiência com grupos:

Emerge algo inconsciente, instintivo o grupo a um determinado tipo de comportamento que parece um padrão da espécie humana, tendo em vista o fato de o homem ser um animal gregário. Talvez padrões semelhantes sejam característicos do comportamento dos mamíferos gregários. Trata-se de um comportamento de sobrevivência que então aparece de forma rudimentar, ineficiente, caricata. Os aspectos mais essenciais da sobrevivência da espécie estão aí presentes conforme descritos por Bion. (PY, 1986, p.61 apud ZYMERMAN, 2004/2008, p.110).

De qualquer maneira, estes pressupostos e nomeações demonstram na prática que o grupo promove movimento e que pela sua própria existência e pela disponibilidade dos indivíduos em se reunirem no grupo, já detém material por si só de confronto e transformação, pois é um desafio e uma adequação constante olhar

para seus conteúdos e comparar ouvindo e vivenciando outros processos e situações no grupo.

Assim como Freud, também Bion não parava de forma radical a psicologia individual da grupal, pelo contrário, ele sempre demonstrou uma visão unificadora das duas, transmitindo a ideia de que a diferença entre a psicologia grupal e a individual é o fato de o grupo oferecer um campo de estudo para captar certos aspectos da psicologia individual mesmo quando, no grupo a participação de um indivíduo consiste em comportar-se como se não fizesse parte de nenhum grupo. (ZIMERMAN, 2004/2008, p. 107).

Considerando o exposto, transponho agora a experiência que tive com este grupo de atletas com foco na concepção de grupo de Bion. Apesar de o trabalho não ter sido desenvolvido necessariamente na linha terapêutica, uma vez que o objetivo do grupo era voltado para o aperfeiçoamento no basquete sobre cadeira de rodas, a teoria de Bion me auxiliou a identificar as variações dos supostos básicos, as funções e as escolhas de liderança.

No início do ano promovemos uma reunião na quadra com todos os participantes do projeto (atletas bolsistas e equipe técnica), bem como com outros atletas não vinculados ao projeto que treinavam junto ao grupo. Executamos com os presentes uma dinâmica de grupo que consistia num primeiro momento em responder questões pontuais de enfoque pessoal, como por exemplo, “como é seu comportamento em quadra?”, “você se considera colaborativo ou fominha?”, “como é a sua visão de jogo?”.

Solicitou-se também que fizessem uma autoavaliação e pontuassem a sua participação e sua evolução na equipe nos quesitos: aproveitamento de cestas, cestas de três pontos, arremessos e passes. Dentre estas perguntas houve uma que buscava a compreensão da visão da equipe pelo atleta: “qual seria a consideração individual do ponto forte da equipe?”.

A resposta foi unânime em relação à união da equipe, mesmo que eu como terapeuta tenha percebido certa inquietação nas falas e posturas, denunciando somente “um desejo de” e não uma união certa. Neste ponto faço relação com o suposto básico de luta e fuga, porque apesar de guiados pelo desejo interno de serem unidos e ilusoriamente tentarem manter uma união, no decorrer das atividades percebeu-se nitidamente que tratava somente de aparências e de

que a união estava só no discurso, pois ao primeiro sinal de divergências e mudanças houve uma demonstração de desunião total.

Pode-se citar como exemplo o ocorrido em um jogo amistoso feito na cidade de Anápolis/GO, no qual a equipe não se saiu muito bem no confronto com uma das equipes adversárias costumeiras. Ao longo do jogo verificou-se que a falta de comunicação, conflito de interesses e inseguranças por parte de alguns integrantes da equipe do ICEP ficaram gritantes, demonstrando total falta de entrosamento.

Como resultado o jogo percorreu truncado, os atletas permaneceram desgostosamente cansados, e, apesar das tentativas de acertos individuais, os erros foram crescendo e as discussões aumentaram. Ao invés da integração e do acolhimento típico de um grupo unido, o que se viu foi uma total desagregação, com julgamentos e apontamentos nervosos.

Ao investigar o fenômeno da derrota, ouvi os atletas individualmente e em grupo, identificando que o desconforto com a entrada de um dos atletas mais experientes na função de liderança ocasionou a expressão de revolta, apesar de este mesmo atleta ter sido colocado como capitão durante os treinos e, aparentemente, sido aceito pelo grupo.

Na minha função de psicóloga da equipe, os reuni num momento de escuta, no qual todos se colocavam e se ouviam, e ao término das exposições, com o auxílio das considerações do técnico e da psicóloga, perceberam o que poderiam modificar e comunicaram ali mesmo no grupo suas vontades e pretensões dali por diante. Considero um momento de transformação, pois a partir daí o mesmo atleta foi visto como um instrutor e todos acatavam suas instruções, alguns sem relutância e outros por seguirem o grupo.

Exemplificando ainda o suposto básico de luta e fuga, com o foco na luta, apresento outro momento no qual ocorreu a adesão à equipe de mais um atleta externo (residente em São Paulo) muito experiente e conhecido por todos. Este atleta inclusive já havia jogado com atletas do time do ICEP em outras equipes, bem como no próprio ICEP, certamente com uma compleição atlética e técnicas de jogo incontestáveis.

Todos concordaram e o acolheram com boas vindas e seguiram treinando, mas ao primeiro sinal de desconforto, a sensação de luta reapareceu no grupo. Isso aconteceu quando o mesmo foi escalado para jogar o campeonato deixando alguns atletas mais antigos da equipe no banco. Apesar da naturalidade que existe em um atleta não gostar de ficar no banco e não ser escalado para jogar, neste caso o espírito de equipe unida foi desconsiderado.

Neste ponto identifico um movimento de luta e fuga ao mesmo tempo. Luta por estarem combatendo algo identificado como ruim no acordo inconsciente que objetivava o grupo e seu funcionamento. E fuga porque a diferença no entendimento do técnico e dos atletas naquela situação (adesão do novo integrante, deixando um mais antigo no banco) os obrigou a mudar, a crescer, ou a buscar um novo jeito de funcionar, para não mais ser cogitada a possibilidade de ficar no banco, ou ainda o fortalecimento individual para que, caso aconteça, não exista tanto sofrimento, considerando o espírito de equipe.

E mesmo que a situação do banco fosse inevitável, o coerente de uma equipe é querer crescer juntos, vibrar juntos, contando com a decisão do técnico, autoridade maior na quadra, que certamente sabe o que é melhor para o time. Cabe a todos os integrantes se unirem neste espírito de respeito e cooperação para o alcance e fortalecimento do objetivo.

Finalizando as pontuações neste sentido de luta e fuga, cabe ressaltar a preocupação dos atletas com situações externas não relacionadas diretamente ao jogo, abandonando os cuidados que a função de atleta exige para se preocuparem e se envolverem nas burocracias do projeto, como falhas na coordenação e na administração. Resumindo, um desgaste com brigas e discussões que tiravam o foco do que realmente estava em jogo, como a competência de grupo e a união, e as lapidações individuais para a conquista do campeonato regional em primeiro plano. Na relação com estas situações externas, ao mesmo tempo do movimento de luta e fuga, entendo que se demonstrou no grupo um funcionamento dependente, como se almejasse que o líder, no caso, o técnico, sanasse o desconforto, se enquadrando na característica tirânica exigida por este tipo de grupo.

Identifico o movimento inicial de se dizerem “unidos” como indivíduos guiados pela necessidade interna de cada integrante por compreenderem o valor de tal característica a se alcançar o objetivo do grupo. Posteriormente, aponto o

movimento de desafio e superação, encontrado nas falas de alguns atletas em entrevistas individuais, referente à importância de fazer parte de um grupo.

Estes movimentos confirmam a competência individual no estabelecimento de contatos e na integração com outros seres para ampliação da rede social, e, conseqüentemente, para o crescimento pessoal. Sendo estes movimentos de crença e fé, o indivíduo luta pela sua manutenção. A fuga fica caracterizada, quando, por diversas vezes, o grupo nomeia problemas externos ou pessoas como pivôs de dificuldades e desconfortos sem aperceberem-se de suas responsabilidades no processo.

Conforme Zimerman (2004/2008), Bion teve um lugar de grande relevância com seu trabalho de grupo e o foco de pesquisa aprofundada no encontro com este, se baseando nos problemas ligados ao pensamento, linguagem e o conhecimento. Compreendo que realmente não é possível a separação da visão do individual atuando na escolha de se participar de um grupo, seja ele qual for, e que as valências – termo utilizado por Bion, emprestado da Química, que se refere aos valores do indivíduo – fazem pressão para atrair ou se ligar no objetivo do grupo e outro indivíduo de maneira inconsciente.

No decorrer da vida, ou da participação no grupo pode-se verificar a importância de percepção de estágios (fuga e luta dependência e acasalamento), o envolvimento do pensamento e suas mudanças refletidas no indivíduo e no grupo. Rezende (1993) relata a concepção de Bion referente aos estágios de turbulência, cataclismo, mudança catastrófica como movimentos necessários para clarear a percepção. Ou seja, na maioria das vezes, ao mexermos com conteúdos estabelecidos pode-se gerar a necessidade de mudança.

No caso da equipe era assim que se procedia, pois quando estavam em um movimento cômodo, conhecido e sem tensão, o simples fato de mudança de capitão ou a adesão de um novo integrante à equipe gerou um movimento de rejeição e repulsa, e, ao mesmo tempo, de união e separação nas subdivisões naturais dentro de um grupo. O processo de digerir emocionalmente a nova situação e a necessidade de estabelecimento de contato referente a relacionamento para manutenção do grupo exige de todos a postura de aceitação do grupo transformado.

Para estímulo à manutenção do grupo, trabalhei no sentido de reforçar a imagem do técnico como “continente”, fortalecendo o diálogo e as vivências. Inicialmente foi possível observar a abstração dos integrantes, e em seguida a realização pela mudança de comportamento individual e coletivo em uma lógica de funcionamento rumo ao objetivo maior, que era o entrosamento afinado para ganhar os jogos e os campeonatos.

Essa junção do mundo interno do sujeito atuando nas suas escolhas na vida e nas agregações inconscientes que faz por isso, é que me leva a relatar estas percepções e as mudanças que ocorrem no momento que o ser consegue ser pleno por assumir conscientemente suas mudanças.

Todos os atletas acompanhados durante o projeto passaram cada um à sua maneira por situações trágicas, exigindo mudanças obrigatórias de posturas para uma possibilidade de realização na vida. Seja qual for o motivo, o acometimento que ocasionou a “turbulência” na manutenção da vida promoveu pensamentos e sentimentos em cataclisma, e por intermédio disso tudo culminou uma mudança drástica.

Na tentativa de se continuar vivendo o indivíduo é capaz de se movimentar rumo ao significado de transformação, pois um mundo veio abaixo com todo o conhecimento obtido por ele, para um totalmente novo nascer no seu lugar. Seriam essas as perdas necessárias - uma espécie de morte para o antigo - para a renovação da vida?

Independente do âmbito de crescimento, as situações e os movimentos às vezes são simultâneos, do individual para o coletivo e do coletivo para o pessoal. Quando se aprende e apreende a base, a estrutura estará firme para agir e se transformar em qualquer instância das relações interpessoais do ser, como um ritual de passagem, confirmando a abstração e a realização em conformidade com a evolução do pensamento.

É compreensível que a existência de tensões e frustrações traga irritabilidade e ansiedade ao ser humano, mas o saudável é que este aprenda a lidar com situações adversas, para saber se expressar em suas relações, buscando o equilíbrio. A partir da análise de grupos pela Teoria Psicanalítica fica extremamente clara a importância de ser consciente, pensando, sentindo e agindo.

3.1. Análise do relato de dois atletas

Neste tópico apresentarei o resumo do ocorrido com dois dos atletas entrevistados e o que pontuei de diferença e percepção de encontro a toda teoria a aqui já explicitada.

Soares, 60 anos, vítima de arma de fogo aos 19 anos quando se encontrava sentado em um bar com seu pai no interior, onde morava com a família, foi atingido pelas costas, e o tiro não era dirigido à sua pessoa, mas sim, a outro homem que também se encontrava no mesmo bar que ele.

Um infortúnio que o deixou dependente de muletas, pela bala ter atingido sua coluna, conseqüentemente, deixando-o com uma perna mais curta do que a outra. Neste relato, a vítima fazia parte de uma condição humilde, sem instrução e sem muito recurso, o que fatalmente provocou demora no tratamento e propiciou o estado que o mesmo se encontra hoje.

Segundo seu relato, ficou deprimido na cama de casa sem se mexer e com dores, até ser levado para fora da sua cidade por um tio, que junto com sua mãe procurou se informar se haveria outra possibilidade pra ele. Foi quando foi trazido para o Hospital Sarah Kubitschek de Brasília, referência até hoje no que tange à reabilitação. Somente depois daí é que realmente teve acesso a um bom tratamento, mas mesmo assim, pela demora, o mesmo ficou com sequelas.

Neste resumido episódio, considerando minha percepção enquanto profissional focada na diferença em que a vida pregressa e o registro familiar pode imprimir na atuação e movimento dos pensamentos e sentimentos do indivíduo, é que digo que aparentemente a relação dele com a mãe fez com que lidasse bem com a tragédia, mas o modo simples em que vivia foi definitivo para o que aconteceu com ele e o resultado disso.

Este é um dos atletas que, apesar de toda essa vivência apresentada, fala com carinho imenso de seus familiares, tendo conseguido lembrar-se de todo o processo que ocorreu e falar com certa tranquilidade, demonstrando elaboração por tudo o que já vivenciou, e até mesmo repassando para seu filho um modelo de viver com garra e luta, fazendo questão de conduzir seus filhos a um caminho bem diferente com mais possibilidades e informações. Tanto é que o seu filho o vê até os

dias de hoje como um herói, acompanhando o pai desde bebê às quadras de basquete e alimentando também o sonho de um dia jogar igual ao pai.

Hoje, por ironia do destino, os dois jogam no mesmo time, devido a um problema congênito nos joelhos do filho, e é possível vê-los dando entrevistas juntos, corroborando com o caminho indicado pelo pai incorporado ao sonho do filho. Apesar de andar, o filho é considerado uma pessoa com deficiência, podendo jogar na cadeira de rodas (pontuação 4.5). Atualmente, com apenas 21 anos, é atleta de um time de basquete sobre cadeira de rodas na Alemanha, uma verdadeira conquista.

O segundo atleta, cuja história acredito poder exemplificar a diferença em que a estrutura familiar faz no movimento de superação, é o Rocha. Hoje com 41 anos de idade, sofreu um acidente de carro na cidade de São Paulo, onde residia à época. O então estudante de educação física estava retornando da faculdade onde estudava à noite por uma rodovia federal e capotou o carro por aparente cansaço, sendo o resultado disso a amputação de sua perna direita. Na época, com 25 anos de idade, o mesmo relatou na anamnese ter passado por tudo isso com tranquilidade, devido ao apoio familiar, principalmente o da mãe e da esposa.

O grau cultural da família deste atleta é elevado, possuindo todos integrantes da família formação universitária completa. A família residia na época em um grande centro, o que pode ter feito a diferença no atendimento, tratamento e reabilitação. Passou cinco meses internado com atendimento profissional, inclusive na área da psicologia, e relata que, mesmo com todo o apoio, levou um ano inteiro para recuperação e conformação com a sua perna amputada. Hoje utiliza uma prótese, também joga basquete em cadeira de rodas e é concursado de um dos órgãos mais cobiçados do serviço público. Diz-se feliz e satisfeito, demonstra atitude frente à vida e, apesar de ter demonstrado não gostar de falar do episódio, é um ser pleno no que busca fazer.

O que gostaria de frisar aqui é que, mesmo com as diferenças de tratamento dos familiares no movimento de superar todos os traumas e aprender a lidar com o novo, a vida dá um jeito de fluir, por isso acredito que ao longo dos anos que se passaram após os trágicos acontecimentos, todos os atletas demonstram habilidades para enfrentamento com certo grau de facilidade a mais, e, surpreendentemente, sempre demonstrado com um astral elevado, com brincadeiras

inclusive sobre a própria condição e sobre o fato de estarem na cadeira de rodas ou necessitarem de muletas, no caso dos amputados.

No relato dos doze atletas, todos foram unânimes em dizer que a mãe foi o principal apoio, contribuindo para a confirmação da teoria de Bion sobre “o continente”. A mesma pessoa que estimulou que cada um, ao seu modo, desejasse sair daquela situação, acaba sendo a que mais sofre em um momento posterior, intensificando no filho o desejo de superar mais rápido o processo para eliminar ou, pelo menos, diminuir o sofrimento de sua genitora.

Dois dos relatos mais comoventes a respeito da mãe-continente foram: “*O que mais me doía era ver minha mãe chorando com olheiras, ansiosa para me ver bem*”, e “*Minha mãe é uma guerreira incansável, foi ela que me deu total apoio para eu ser quem eu sou hoje*”. Estas frases demonstram a visão e o sentimento dos atletas sobre a figura materna numa identificação projetiva de futuro.

3.2. A diferença de lidar com as situações difíceis, corroborada pela constituição do Eu.

Nos relatos e no convívio com os atletas nas dinâmicas de grupo e na atuação dos mesmos nos jogos, ficava evidente a influência da estrutura familiar na formação do Eu do indivíduo, nas posturas que cada ser imprimia nas atividades, reflexo da crença de como vivem em seu lar e mundo.

Pude evidenciar isso, por exemplo, em um dos atletas que aqui chamei de Souza, que desde muito cedo teve maior identificação com a mãe, devido à ausência do pai. Apesar da dificuldade pela estrutura familiar, este atleta tem uma vida social intensa, estando sempre rodeado de pessoas, sendo, contudo, um pouco solitário. Interpreto que neste caso a mãe-continente foi um fator limitante, e por não ter a figura paterna (social), suas relações acabam sendo superficiais dentro de uma atitude de autoproteção.

Souza é um ótimo atleta, mais de sete vezes campeão pelo basquete em cadeira de rodas, inclusive pela seleção brasileira, mas que por muitos momentos demonstrava não conseguir trabalhar em grupo, por ser “fominha”. Minha leitura é que, por não confiar em ninguém a não ser na sua própria competência, ao menor sinal de que o outro não conseguiria fazer o mesmo que ele, o atleta assumia

imediatamente as rédeas do jogo e não passava mais a bola. Esta postura, apesar de conquistar bons resultados para a equipe com suas cestas, desconfortava tremendamente o restante do grupo, que não crescia enquanto equipe com tal comportamento.

Já o atleta mencionado no subtítulo 3.1, filho de Soares, impregnou na sua constituição de Eu o modelo paterno e a vivência intensa com este. Com 21 anos, Mazinho trilhou os mesmos passos do pai com o apoio da boa estrutura familiar, e é capaz de empreender atitudes de conquista em sua vida e ter um estilo de jogo colaborativo, sendo um bom atacante, mas também um bom servidor. Dentre suas falas mais marcantes, destaco algumas que refletem a identificação paterna em sua constituição de Eu: *“Era meu sonho ser igual ao meu pai, jogar como meu pai”*. *“Eu queria muito jogar basquete de cadeiras de rodas.”* *“E hoje tenho orgulho disso!”*.

Não há dúvida de que a construção do indivíduo se dá primeiramente pela relação com seus pais, e que a estrutura familiar é a base do sujeito, como se pode confirmar por estes exemplos. A partir daí surgem também as repetições de comportamentos e atitudes, que, caso não sejam remodeladas pelas vivências, podem vir a atrapalhar o bem estar do sujeito que não se atenta à consciência de seus atos.

4. AS TRANSFORMAÇÕES FIRMADAS AO SE SUPERAR UM MOMENTO CRÍTICO DA VIDA E CONTRIBUIÇÃO DE REESTABELECIMENTO AO SE INTEGRAR NUM GRUPO

Se a felicidade consiste na atividade virtuosa, deve ser a atividade da virtude superior, ou, em outras palavras, da melhor parte da nossa natureza. (...) Concluimos, então, que a felicidade vai até onde o poder do pensamento de uma pessoa, maior será a sua felicidade; não como algo acidental, mas em virtude do seu pensamento, pois esse é nobre em si mesmo. Portanto, a felicidade deve ser uma forma de contemplação.

Aristóteles

Pôde-se perceber ao analisar os dados retirados das anamneses que as modalidades das situações trágicas que acometeram os atletas são variadas e ocorreram em idades diferentes. Neste quesito pude perceber que quanto mais cedo ocorreu o episódio mais fácil foi a recuperação e a superação. Outro ponto relevante observado na fala dos atletas foi a diferença da qualidade das relações familiares, principalmente com a figura materna, que foi incansável no processo de aceitação e no tratamento desde a hora do ocorrido até a superação total e mudança de vida.

Encontrei uma curiosidade em quase todas as entrevistas individuais e presenciais, quando os atletas foram indagados sobre os sentimentos da época do episódio trágico, resultando certa fala comum. Na maioria das vezes tive que reformular a pergunta acrescentando dados emocionais, como se fosse uma abertura para eles conseguirem falar.

A frase comum de início foi: “*Normal*”, e ao longo da conversa foram se destrinchando sentimentos e os entrevistados passaram a falar da maneira como reagiram ao episódio, primeiramente com dor, revolta e somente depois uma conformação ao assumir a nova realidade com toda a expectativa e motivação necessárias. O que foi possível somente, como já explicitado, com apoio dos pais, parentes e amigos que fizeram a diferença para muitos deles.

Outro ponto importante foi o nível de conhecimento de cada ser, tanto da vítima como de seus familiares, visto que quanto mais informações e maior nível cultural, mais acesso a facilidades e possibilidades a pessoa teve, o que influenciou consideravelmente na superação e readaptação à nova vida. Importante também neste processo foi a consciência que o indivíduo tinha de si mesmo, bem como a observação do externo, por intermédio do respeito interno.

Com toda a teoria apresentada neste estudo, é fácil fazer relação com o primeiro processo importante no desenvolvimento saudável do ser humano, que é o pensamento, como é importante realmente estar atento ao desenvolvimento deste, pois é por aí que caminham as decisões e escolhas do ser. Quanto mais atento se está ao seu modo de pensar, menos depende do outro para SER, menos arrependimentos e certamente sensações mais voltadas para realização e satisfação na vida.

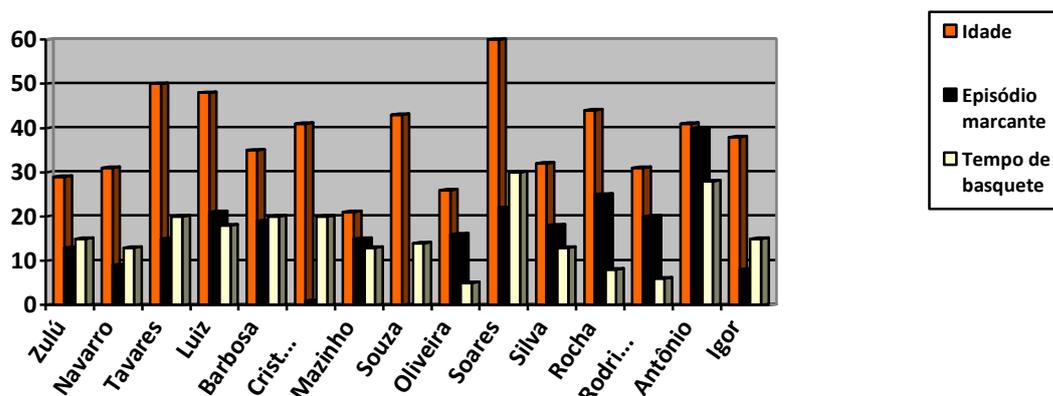
4.1. Resultado do Estudo

Para melhor visualização dos dados referentes à idade cronológica, constam no gráfico 01 as idades nas quais ocorreram os eventos trágicos, bem como o tempo que cada atleta joga basquete sobre cadeira de rodas. Os mesmos dados também estão no quadro 01, apresentado no subitem 2.1.

No basquete sobre cadeiras de rodas não há limite de idade para jogar. Uma vez que o atleta esteja em condições físicas e psicológicas, pode entrar em quadra para jogar até mesmo em campeonatos.

Gráfico 01

Idade / Época do episódio trágico / Tempo de basquete



Fonte: Anamneses iniciais feitas com os integrantes da equipe.

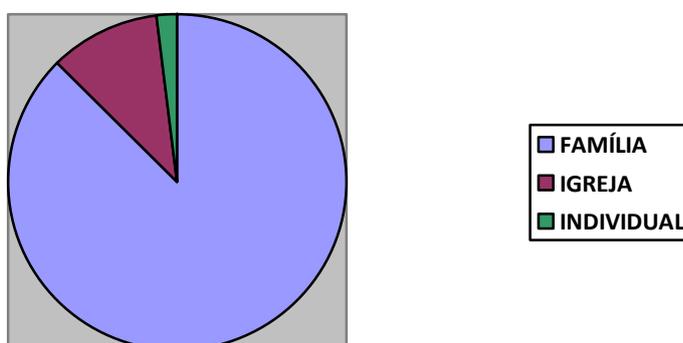
No gráfico 02 a parte destacada em azul se refere aos atletas que atribuíram maior importância no seu movimento de superação e transformação na vida à sua família (mãe, pai, irmãos e, quando casado, esposas e filhos).

A parte destacada na cor vinho trata especificamente dos atletas que falaram que a família foi muito importante, mas acrescentaram que, se não fosse a igreja e a sua fé em Deus não teriam conseguido trilhar o movimento de superação. Estes eram pessoas com uma estrutura familiar difícil, nas quais o pai ou a mãe tinham envolvimento com drogas lícitas ou ilícitas, e que conseguiram se livrar dos vícios por intermédio da igreja.

A parte destacada em verde se refere aos atletas que foram vítimas da pólio quando pequenos, que deixaram bem claro que contam e sempre contaram com a família para aprender, para se estruturar, mas que não passaram por dificuldades de adaptação, superação como os outros que andavam e tiveram que contar com uma cadeira de rodas. Aprenderam desde muito cedo a lidar com a limitação e se aceitam totalmente como são. Não sentem nenhuma inferioridade por isso e o único movimento de superação que relatam é quanto ao preconceito das pessoas, mas que enfrentam com tranquilidade.

Gráfico 02

Dados referentes ao movimento de superação individual



Fonte: Entrevistas individuais (Apêndice B)

CONCLUSÃO

Nos dez meses do ano de 2011 em que tive a oportunidade de trabalhar com a equipe de basquete de cadeirantes do ICEP Brasil, principalmente nas dinâmicas de grupo e entrevistas individuais com cada atleta, percebi os fatores relevantes envolvidos no processo de superação destes indivíduos nos seus diferentes graus de dificuldade, pela história de vida e modo de criação.

O trabalho com a equipe se embasou, em grande parte, na teoria de Wilfred Bion, nos enfoques do pensar e da transformação, por meio da qual constatei o quanto a modalidade dos pensamentos e o seu desenvolvimento definem ações e atitudes do indivíduo frente a si e ao grupo, e confirmei a importância da estrutura familiar no movimento de superação.

Os testemunhos dos atletas demonstram a relevância dos ensinamentos e posturas apreendidas em suas experiências com os pais e, em muitos deles, mais da mãe, que era simplesmente a pessoa chave de suas vidas. Neste ponto, identificou-se estreita ligação com a teoria de Bion sobre “continente” ou o “ser continente”, no sentido de dar contenção aos sentimentos, como ansiedades, dúvidas, medos e revoltas, devolvendo-os didaticamente para o filho numa possibilidade de leveza para compreensão e ação.

Muitos atletas que não tiveram uma estrutura familiar tão firme não deixaram de ter seu continente, tendo sido este substituído pela religião e seus dogmas, que propiciavam um modelo a ser seguido, bem como a sensação de acolhimento, presente intensamente em suas falas e ações, e vistos como o único caminho de saída para sua superação e realização na vida.

Pude evidenciar também que, independentemente do que aconteça, o ser humano, em conformidade com esta estrutura e continente feitos pelos pais (suas vivências e registros destas), empregará empenho, paixão e fé no seu movimento de superação e transformação na vida. Este movimento foi relacionado no trabalho com o conceito de “valência” de Bion, o qual, no caso dos atletas, traduzi como seus valores internos, que influenciavam suas ações para atrair e repelir indivíduos e situações em suas relações interpessoais.

Empreender esforço de maneira consciente, ou seja, atenção ao desenvolvimento dos próprios pensamentos, que são verdadeiramente nossas primeiras ações, consiste no caminho coerente para uma vida mais plena e realizada, tanto no aspecto individual quanto no coletivo. Com base neste fundamento e com o apoio da psicanálise o ser humano pode se resignificar ou se reinventar a cada enfrentamento necessário.

Os problemas, as frustrações, o caos, e as adversidades em geral servem não somente para nos desconfortar, mas também para nos oferecer uma outra maneira de ver a situação e buscar a mudança, muitas vezes, transformando completamente nosso caminho e jeito de funcionar. Sem este movimento interno pela ciência de si, o indivíduo pode ser levado a um embotamento, com conseqüente sofrimento e estagnação da vida.

Ter consciência de si é estar atento ao momento presente e tudo o que ele nos proporciona. Isto permite uma sensação de leveza, mesmo nos momentos de dificuldades. Uma vez sentida, compreendida e registrada por pensar, recordar e agir, a vivência se faz, proporcionando um movimento saudável e constante do aparelho de pensar e fazendo do ser pensante um ser único, pleno e integrado.

Quando não me conheço a mim mesmo, e não sei que fazer ou que pensar, naturalmente estou envolvido no torvelinho da confusão. Mas quando me conheço a mim mesmo (...) então, dessa compreensão, nasce a clareza, resulta a conduta correta. A compreensão de si mesmo traz amor (...) ordem. (...) (KHRISHNAMURTI, 1950. A Arte da Libertação).

REFERÊNCIAS

- BION, W. R. (1961). **Experiências com grupos: os fundamentos da psicoterapia de grupo**. São Paulo: Imago, 1975.
- BION, W. R. (1965). **Transformações: Mudança do Aprendizado ao Crescimento**. Rio de Janeiro: Imago, 1983.
- BION, W. R. (1967). **Estudos psicanalíticos revisados**. Rio de Janeiro: Imago, 1994.
- CYRULNIK, B. **Os Patinhos Feios**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2004.
- FRANÇA, M.O.A.F; THOMÉ M.C.I; PETRECCIANI, M. (Org.). **Transformações e Invariâncias Bion – SBPSP**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.
- FREUD, Sigmund (1895). **Projeto para uma psicologia científica**. In: Edição *Standard* brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud. v.1. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, Sigmund (1920). **Além do Princípio de Prazer**. In: Edição *Standard* brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud. v.18. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, Sigmund (1921). **Psicologia de Grupo e análise do ego**. In: Edição *Standard* brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud. v.18. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, Sigmund (1929). **O mal estar na civilização**. In: Edição *Standard* brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud. v.21. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Freud e o inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda., 1987.
- KRISHNAMURTI, J. **A Arte da Libertação**. Rio de Janeiro: Instituto Cultural, 1950.
- LARANJEIRAS, C. A. S. de J. **Do vulnerável ser ao resiliente envelhecer: revisão de literatura**. *Psicologia: teoria e pesquisa*, Brasília, 23(3), 327-332.
- REZENDE, Antônio Muniz de. **Wilfred R. Bion: Uma psicanálise do pensamento**. Campinas: Papirus, 1995.
- REZENDE, Antônio Muniz de. **Bion e o futuro da Psicanálise**. Campinas: Papirus, 1993.
- SYMINGTON, J.; SYMINGTON, N. **O pensamento clínico de Wilfred Bion**. Lisboa: Climepsi Editores, 1999.
- WINNICOTT, D. (1958). **A tendência anti-social**. In: WINNICOTT, D. *Textos selecionados: da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

ZIMERMAN, D. (2004). **Bion da Teoria à Prática: Uma leitura didática**. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

ZIMERMAN, D. **Como trabalhamos com grupos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

APÊNDICE A

Anamnese

1 - IDENTIFICAÇÃO

Nome: _____

Idade: _____ Data de nascimento: _____

Estado Civil: _____

Filhos? _____ Quantos? _____

Onde mora hoje? _____

Telefones para contato: _____

E-mail: _____

Onde trabalha? _____ Quanto tempo? _____

NOME DO PAI: _____

Profissão: _____ Idade: _____

NOME DA MÃE: _____

Profissão: _____ Idade: _____

2 – Existe alguma queixa/dificuldade na vida atualmente? _____

Há quanto tempo? _____

3 – ANTECEDENTES FAMILIARES

Alguma doença familiar _____

Doença mental? Alcoolismo? Asma? Alergias? Ataques epiléticos? Problemas Cardíacos?

Depressão? Câncer? _____ Você já esteve internado?

_____ Quantas vezes?

Porque? _____

4 – DESENVOLVIMENTO DE CONDUTA (SONO)

Dorme Bem? _____

Range os dentes? _____

Desde quando? _____

Acorda várias vezes à noite e torna a dormir facilmente? _____

Acorda quando teve algum sonho ou pesadelo à noite e torna a dormir facilmente? _____

5 – COMO É SUA ALIMENTAÇÃO? _____

Faz todas as refeições? _____

Observação: _____

6 – SOCIABILIDADE

Tem companheiro (a)? _____

Faz amigos facilmente? _____

E na infância e adolescência? _____

Observações: _____

7 – SEXUALIDADE

Qual idade da sua iniciação sexual? _____

Foi feita a educação sexual, por quem? _____

E hoje como você considera sua vida sexual? _____

8 – ESCOLARIDADE:

Formação: _____

Alguma disciplina preferida? _____

Menos afinidade ou dificuldade? _____

Destro ou sinistro? _____

9 – Averiguando sentimentos referentes a seu estado físico e emocional relacionado à deficiência.

No seu caso foi o quê? _____

Quando tempo faz? _____

Fez algum trabalho com profissionais da área de saúde para adaptação? _____

Descreva seus sentimentos da época e compare-os com os de hoje?

10 – COMPOSIÇÃO DA FAMÍLIA:

Religião familiar e a sua atual:

A sua família tem o hábito de ler? E você? _____

Qual o último livro que você leu? _____

O que você assiste na TV? E com que frequência? _____

11 - FUNDO ÉTNICO

Há costumes e tradições familiares mantidos em casa?

Há harmonia entre o casal, quanto aos costumes e as tradições?

Você considera um pai que dá limite aos filhos? Educa a ponto de fazer com que seu filho(a) internalizem os ensinamentos?

12 - CASAMENTO, SEPARAÇÕES E ADOÇÕES?

13 – PERCEPÇÃO GERAL

Atividades esportivas que pratica: _____

Desde quando: _____

Qual sua intenção no time de basquete? _____

Como você se vê dentro da equipe? _____

Fale um pouco da sua trajetória com o basquete até aqui: _____

Na sua visão o que a psicologia poderia auxiliar no time e você?

Na sua percepção o que contribuiu e contribui até os dias atuais o seu movimento de superação?

Sabe-se que a cada dificuldade, mudanças, situações que exijam decisões, propiciam um processo de transformação, como você se vê dentro deste processo. Podes relatar algum que foi bem marcante na sua vida?

Por favor, fale o que sentes e pensas quando lê um pensamento como este abaixo:

“Podemos ir longe, se começarmos de muito perto. Em geral começamos pelo mais distante, o “supremo principio”, “o maior ideal”, e ficamos perdidos em algum sonho vago do pensamento imaginativo. Mas quando partimos de muito perto, do mais perto, que é nós, então o mundo inteiro está aberto – pois nós somos o mundo. Temos de começar pelo que é real, pelo que está a acontecer a agora, e o agora é sem tempo.”

(Khrisnamurti,)

APÊNDICE B*Levantamento de dados individuais e visão de si*

Quem somos e porque estamos aqui? Qual o objetivo com a equipe?

Nome: _____

Cidade onde nasceu? _____

Quanto tempo reside em Brasília? _____

Cidade/bairro que reside? _____

Estado civil: ___casado (ou juntado) ___solteiro ___separado(divorciado)

Filhos (se tem, quantos e idades): _____

Profissão: _____

Grau de Escolaridade: _____

Há quantos anos você joga basquete? _____

Como começou o basquete na sua vida? _____

Tem ou teve lesões relacionadas ao basquete?

Cite: _____

O que te motiva a jogar basquete hoje? _____

Porque você joga basquete no ICEP? _____

Cite duas características da sua personalidade: _____

Você tem apelido? Qual? _____

Qual o seu ponto forte como atleta em quadra? _____

Qual o seu ponto fraco como atleta em quadra? _____

Cite duas características da sua personalidade como atleta em quadra _____

Qual o ponto forte da equipe ICEP? _____

Qual o ponto fraco da equipe ICEP? _____

Como você avalia os seguintes itens de (0 a 10):

Seu aproveitamento nos lances livres: _____

Sua marcação _____

Marcação da equipe _____

Seu aproveitamento dos lances de 3 pontos _____

Você armando a jogadas _____

Rebotes _____

Qualidade do seu passe _____

Qualidade do passe da equipe _____

Seu preparo físico _____

Preparo físico da equipe _____

Você é fominha? _____

Estrutura física de treinamento? _____

ANEXO A

A Grade

	Hipóteses Definidoras 1	Ψ 2	Notação 3	Atenção 4	Investi- gação 5	Ação 6	...n
A Elementos- β	A1	A2				A6	
B Elementos- α	B1	B2	B3	B4	B5	B6	...Bn
C Pensamentos Oníricos, sonhos, mitos	C1	C2	C3	C4	C5	C6	...Cn
D Pré- concepção	D1	D2	D3	D4	D5	D6	...Dn
E Concepção	E1	E2	E3	E4	E5	E6	...En
F Conceito	F1	F2	F3	F4	F5	F6	...Fn
G Sistema dedutivo científico		G2					
H Cálculo algébrico							

Fonte: Transformações: Mudança do Aprendizado ao Crescimento (Bion, 1983)

ANEXO B*MÚSICA - Vou deixar (Skank)*

Vou deixar a vida me levar
Pra onde ela quiser
Estou no meu lugar
Você já sabe onde é...

Não conte o tempo por nós dois
Pois a qualquer hora
Posso estar de volta
Depois que a noite terminar...

Vou deixar a vida me levar
Pra onde ela quiser
Seguir a direção
De uma estrela qualquer...

Não quero hora pra voltar
Não!
Conheço bem a solidão
Me solta!
E deixa a sorte me buscar...

Nananã!
Eu já estou na sua estrada
Sozinho, não enxergo nada
Mas vou ficar aqui
Até que o dia amanheça
Vou esquecer de mim
E você se puder
Não me esqueça...

Vou deixar o coração bater
Na madrugada sem fim
Deixar o sol te ver
Ajoelhada por mim
Sim!...

Não tenho hora pra voltar
Não!
Eu agradeço tanto a sua escolha
Mas deixa a noite terminar...

Eu já estou na sua estrada
Sozinho, não enxergo nada
Mas vou ficar aqui
Até que o dia amanheça
Vou esquecer de mim
E você se puder
Não me esqueça...

Não, não, não quero hora
Pra voltar, não
Conheço bem a solidão
Me solta!
E deixa a sorte me buscar
Não, não, não tenho hora
Pra voltar, não
Eu agradeço tanto a sua escolha
Mas deixa a noite terminar...